Valdeck é Prosa

e

Vanise é Poesia

Apresentação

Valdeck Almeida de Jesus e Vanise Vergasta. Dois poetas, dois estilos diferentes. A idéia de juntar os trabalhos surgiu da necessidade de interagir, de trocar idéias, de mesclar as poesias com cunho social de Valdeck com as poesias românticas de Vanise.
Assim, surgiu o livro "Prosa & Poesia", composto de textos escolhidos dos dois autores, com a intenção de cantar e encantar o cotidiano, o dia a dia, tornando público o que era particular, compartilhando com os amantes da poesia, nascidos ou adotados pela terra de todos os poetas: a Bahia!

Os autores.

Quem é Valdeck Almeida de Jesus

Nascido em Jequié, em 1966, em plena vigência da Ditadura Militar, colheu os frutos malditos que o Planalto Central sequer imaginava estar nascendo Brasil afora: a fome, a miséria, a falta de habitação, falta de escola, falta de saneamento básico, falta de segurança, falta de atendimento médico. Enfim. Filho de mãe paralítica das pernas (Paula Almeida de Jesus) e de um trabalhador braçal (João Alexandre de Jesus), tendo mais sete irmãos menores, não teria outra perspectiva de vida senão as drogas, a violência, a condenação ao analfabetismo e à exclusão social, banido do rol da cidadania plena.

Perdeu seu pai aos dezesseis anos, ficando co-responsável, juntamente com sua mãe, pelo sustento e rumo da família desde então. Sua mãe era analfabeta total, tendo aprendido a ler e a escrever com o filho Valdeck que, pacientemente, introduziu a sua querida mamãe no mundo das letras. Paula, apesar da pouca instrução, tinha um senso de responsabilidade muito grande, inclusive ficou viúva e solteira por toda a sua vida, até sua morte em junho de 2000. Dedicou todo o seu tempo a cuidar e a educar os filhos, à sua maneira, sempre indicando a alternativa do bem quando se vislumbrava a sedução pelo caminho das drogas, do roubo e da mentira. Educou os filhos à moda antiga e cuidava como uma loba de suas crias, defendendo a todos com unhas e dentes.

A família precisou comer carne podre; pegar mortadela, salame e queijo dentro do esgoto do Hospital Prado Valadares; dormir várias noites com fome, esperando que "Jesus vai trazer amanhã", que era a frase que Paula dizia para consolar a oito filhos famintos. A família foi expulsa várias vezes das casas que alugavam, depois de vencido o prazo do pagamento do aluguel, por absoluta falta de dinheiro. Passou mais de vinte anos mendigando pelas ruas da Cidade Sol (apelido da cidade de Jequié), vivendo à custa de esmolas de quem se compadecesse. Enfrentou tuberculose, asma brônquica (por subnutrição), noites de chuva com a mobília na

calçada, após ser expulsos de onde morava. Enfrentou a vergonha de empurrar a mamãe ladeira acima e ladeira abaixo, numa cadeira de rodas quebrada... Mas venceu.

Toda a vida da família foi marcada por baixos e mais baixos ainda, mas Paula, a mamãe sempre manteve viva a chama da esperança e da fé: "O ano que vem as coisas melhoram", era o bordão predileto dela. Ficavam os filhos esperançosos e pacientes esperando o ano que nunca trazia melhoras. A educação básica, em escolas públicas, Paula concedeu aos filhos. Dali cada um partiu para um mundo de descobertas de que também era possível sobreviver às próprias expensas. A luta foi insana, e para alguns da família a luta ainda continua hoje não mais tão ingrata quanto antes.

Atualmente todos se consideram vencedores. Cada um com sua própria casa, sua própria família.

O mais velho, Valdeck, é funcionário do Tribunal Regional do Trabalho da 5ª Região, desde 1990.

Este resumo da vida de uma família não consegue passar toda a tragédia e dor que os "Almeida" enfrentaram nos últimos anos, até conseguir conquistar um lugar ao sol.

Esta história, porém, é um exemplo de vida para muitos brasileiros que lutam no dia a dia dos ônibus superlotados, que ralam no batente diário por um mísero salário. A fé no futuro e a luta por um mundo melhor é a tônica que levou a família Almeida a chegar onde chegou: um lugar tão sonhado por muitos e conquistado por poucos.

Quem é Vanise Vergasta

Apresentar um poeta ao público leitor não é uma tarefa fácil. Poesia está fora de moda, como sensibilidade, amor ao próximo, solidariedade (despretensiosa), carinho, respeito, direitos humanos, dignidade, perseverança...

Conheci a poetisa Vanise através do amigo Lázaro Ramos. Vanise é uma pessoa daquelas que você passa na rua e percebe pela beleza, pelo sorriso, pelo carisma. Mas não se pode imaginar que por trás de uma pessoa tão forte, tão determinada, possa existir alguém tão romântica e sensível, a ponto de chorar ao ler uma história de alguém que ela acabou de conhecer. Pois é. Esta é a Vanise Vergasta que conheço! Uma pessoa que trabalha diuturnamente com emoções, que lapida emoções alheias, que garimpa palavras e que tem "de cor e salteado", todas as suas mais de *quatrocentas* poesias. E olhe que ela se lembra das vígulas, dos pontos, das cedilhas, e também da data em que escreveu cada poema... Uma memória formidável. E uma MEMÓRIA dessa não pode e nem deve ser deixada de lado (como se faz com nosso patrimônio arquitetônico, artístico e cultural). Deve ser registrada, resgatada, publicada, antes que o tempo se encarregue de varrer para o passado distante.

Como eu falaria de Vanise? Falaria do livro "VI(vi) Vidas (no prelo)? Falaria da sagitariana de 05 de dezembro de 1961? Da Vanise que trabalha como voluntária no Projeto Criamundo do Hospital Juliano Moreira? O que eu falaria? De seus poemas, de sua memória extraordinária, de tudo o que já falei anteriormente, sem ser redundante e repetitivo? Eu declamaria aqui, LENDO (lógico, não tenho a memória que ela tem!) cada um dos seus poemas, e mesmo assim acredito que ainda faltaria muita coisa para ser dita. Pois esta poetisa de nascença (escreve desde os nove anos de idade) é um poço sem fundo de emoções, de talento e de inspiração, de onde surgem poesias como "Meu Casebre" (confira no livro) que fala do sonho da casa própria e de tantos outros que trazem à tona toda a beleza que somente uma mulher pode externar. Vanise é mãe, é filha, é BOAdastra (não gosto da palavra MAdrasta), é vizinha, é amiga, é voluntária de um projeto social, ela é Vanise Vergasta. A Bahia está sabendo, agora, que existe uma nova estrela no céu do nosso Estado e que essa estrela, medrosa de não conseguir ser vista, busca refúgio em seu mundo literário e artístico... Não se esconda Vanise, esta é a hora de você dizer pra que veio, nesse Brasil que teima em ser

insensível a pedras preciosíssimas como você, que nem mesmo necessita de lapidação!

Valdeck Almeida de Jesus

20 Anos sem Axé

Saí na quinta-feira, 03.02.2005, em pleno carnaval, com meu filho Júnior para dar uma olhada no Circuito Batatinha, Centro Histórico de Salvador.

Pensava sobre o que Daniela Mercury havia falado, em uma entrevista televisiva, enfatizando que a Axé Music não possuía registro histórico, quando, de supetão, fui indagado por Júnior: "Pai, por que só tem negão tocando nas bandas aqui no Pelourinho?" Permaneci em silêncio, por alguns instantes, analisando aquela curiosa pergunta de um garotinho de sete anos de idade. Precisava de alguma inspiração para dar a Júnior uma resposta plausível e de simples compreensão para a sua mente ainda em formação.
Para simplificar, respondi que somente os negões gostavam de tocar e dançar, evitando entrar em detalhes político-sociais, que ele não compreenderia.
Cheguei em casa com a pergunta do moleque ainda retumbando em minha mente. E resolvi respondê-la a mim mesmo, da seguinte forma:

> A Axé Music tem vinte anos de estrada na Bahia. E de onde vem esse ritmo? Não é difícil deduzir: da África. São vinte anos dessa sonoridade que nasceu do coração e da alma de negros, mulatos, mestiços... É o som do carnaval e da folia. Atualmente, os circuitos carnavalescos da Bahia são invadidos por uma diversidade de ritmos, como o rock, o pop, o pagode, o samba, o arrocha e tantas outras riquezas musicais que a alma desse nosso povo produz. Esse povo que, mesmo passando o ano inteiro no maior aperto, encontra disposição e alegria para se esbaldar na avenida, na Barra ou no Pelourinho, na frente de blocos escorchantes,

ou simplesmente vestidos com a fantasia da pobreza: o abadá de pipoca.

O que seria do carnaval e da expressão musical da Bahia sem o axé da Mãe África? O que seria de cada bloco sem os “cordeiros negros, mulatos e mestiços” para proteger o cortejo de dondocas? O que seria do sucesso das rádios sem os gritos e acordes das múltiplas inspirações que vêm dos guetos? O que seria do “gueto”, do camarote andante? O que seria dos trios-elétricos sem seus motoristas, saídos do útero da Mãe África, e sem os artífices que os constroem e reconstroem? O que seria dos instrumentos sem dedos, bocas, braços, pernas, e sem a alma negra que lhes dá vida? O que seria do turismo e das empresas que lucram com a festas carnavalescas se não fossem os negros, mestiços, mulatos, filhos da Axé-África? O que seria do turista, do nativo, sem o churrasco, sem a cerveja gelada, sem a água mineral, sem o picolé e tantas outras iguarias que os filhos da África vendem pelos circuitos da folia?

Muitas outras facetas poderiam ser aqui abordadas, mas faltam a este humilde escritor pesquisa e conhecimento suficientes para organizar um estudo aprofundado de ordem filosófica, social, cultural e econômica. Deixo esta tarefa para os doutores, que certamente estão ainda descansando da última noite de Axé.

São vinte anos de Axé Music, desse ritmo contagiante e indescritível que levou tantos desconhecidos a brilharem nas telas de TV do mundo inteiro. E será essa mesma Axé Music que, se não retornar ao berço de seus criadores, se não cuidar de suas galinhas dos ovos de ouro - a população negra e nativa -, irá transformar, cada vez mais, este nosso

tão bonito carnaval numa festa para poucos. Alguém já se perguntou por que cada vez menos gente tem freqüentado as “terças da bênção”? Alguém se lembra de como ficava lotado o Pelourinho há dez anos atrás? Os filhos da África vinham ao Centro Histórico dançar num “Bar do Reggae”, que tinha suas portas abertas; a maioria da população trazia o dinheiro do “buzu”, e mais algum para o cravinho (muitos desfilavam a noite inteira com o mesmo copo de cravinho na mão). Hoje a situação financeira dessa gente não mais lhe permite atravessar os limites de seus bairros para irem até a “cidade”, que é como chamam o centro, os bairros nobres – como se eles não morassem, também, na cidade de Salvador.

Salve Luís Caldas, Sarajane, Gerônimo, Baby Consuelo, Moraes Moreira, Armandinho, Dodô e Osmar! Salve os nossos músicos, intérpretes, radialistas, jornalistas, enfim, todos os que contribuem para divulgar o som e o ritmo da Terra da Felicidade (hoje, de poucos)!

Salvador, 08 de fevereiro de 2005

***

Qual é a minha fome

A fome de comida durou vinte anos e passou. Minha fome agora é outra e durará para sempre. A fome de comida me consumia o corpo, mas a fome de amor me consome a alma e é muito mais atroz.

Não é humilhação o que faço para te (re)conquistar. Quando a gente gosta, os limites do absurdo, do certo e do errado, do bonito ou do ridículo se estreitam. Aliás, esses limites só existem para criaturas lúcidas e "certinhas", onde não me encaixo.

Sou um homem sem digitais.

Meus dedos já não mais possuem os sulcos que os diferenciam uns dos outros, nem um ser de outro ser. Já não tenho mais digitais, nem sinais que me individualizem. Sou todo "liso", sou todo amor. Sou todo louco, todo sabor. Já não me importo se falam da minha insensatez. Já não me importa saber se sou animal ou se sou humano. Tudo o que importa agora é compartilhar minha vida com alguém; é amar, ser amado, dividir, somar, multiplicar e subtrair. Dividir paz, carinho, atenção e todos os grandes sentimentos com o meu amor; somar meus esforços para ser feliz com os esforços da pessoa amada; multiplicar os momentos de paz e de felicidade, na busca da perfeição que o humano comum não alcança; subtrair todos os defeitos, todos os pensamentos negativos e todos os motivos para não sorrir.

Caminha comigo nessa jornada, e seremos eternamente felizes.

Salvador, 28 de março de 2006

Reflexão

O tema da palestra do dia 11.04.2006, no Centro Espírita Cavaleiros da Luz, foi a **Felicidade.** A felicidade que

idealizamos, a felicidade que pensamos estar fora de nós, a felicidade que acreditamos estar nos bens materiais e tangíveis. José Medrado, o palestrante, enunciou três itens que os seres humanos costumam desejar ardentemente para serem felizes:

Saúde
Dinheiro
Amor

Em relação à saúde, desejamos ter um corpo perfeito, escultural. Homens ou mulheres, a maioria dos mortais quer atingir os padrões dos modelos internacionais: um corpo sem nenhuma estria ou celulite, cabelos espetaculares, peles de veludo. Mas, em contrapartida, quando se fala em "malhar", se esforçar, lutar diariamente para evitar as calorias e obter aquele corpinho perfeito e sonhado, poucos se animam. Queremos ser esbeltos sem esforço algum. Dormir gordos e feios e acordar, no dia seguinte, lindíssimos e na mais perfeita forma.

Para sermos felizes, não basta termos um corpo humano, um corpo normal e um corpo comum. Queremos um corpo IDEAL.

Em relação ao dinheiro, não nos contentamos com uma casa, um carro, uma conta com saldo positivo no banco. Queremos o super conforto, o super carro, a super casa. Tudo o que temos é sempre muito pouco para nos sentirmos felizes. Queremos mais e mais. Tanto, que não teríamos sequer o tempo de desfrutar de todas essas maravilhas.

Em relação ao amor, não nos contenta um amor singular, simples, sereno e equilibrado. Queremos as paixões avassaladoras, os sentimentos arrebatadores, os suspiros profundos. Queremos um amor, um parceiro ou uma parceira, com energia de amante. Ou seja, queremos sexo selvagem, sexo profundo e muito quente. O sexo morno, o equilíbrio, nos entedia e nos leva a achar que o amor não está presente.

Medrado finalizou a palestra dizendo que vivemos angustiados porque IDEALIZAMOS demais. Estamos sempre sonhando com o IDEAL, com aquilo que não existe na vida terrena. Temos que ser felizes com o que temos, com o que nos é possível. Quando idealizamos um amor, um corpo, uma quantia em dinheiro que supostamente nos deixaria feliz, canalizamos toda a nossa energia para essas ilusões, que, se não concretizadas, nos levam à frustração. E sempre nos frustramos, uma vez que estamos lidando com sonhos longínquos. A felicidade está muito mais perto do que imaginamos. Ela não está na matéria, no dinheiro, num corpo perfeito, numa casa esplendorosa, numa conta bancária polpuda. Está dentro de nós e ao nosso redor. E é nossa tarefa descobrir como sermos felizes no dia-a-dia, nos acontecimentos rotineiros, no trabalho, na companhia de amigos e familiares. Temos, sim, que mergulhar dentro de nós mesmos para encontrarmos os reais motivos de nossas angústias. Nessa "viagem", muitas vezes descobrimos que o motivo de nossa infelicidade e de nossas desilusões é a falta de amor próprio. Quando encontramos essas respostas em nosso universo interior, descobrimos que podemos ser felizes sem precisar daquele corpo perfeito, daquele amor idealizado, daquela opulenta conta bancária.

***